



REDE

OITAVA

**Jornal
Comunitário
do Moura
Brasil**

MULHERIDADES DO MOURA BRASIL

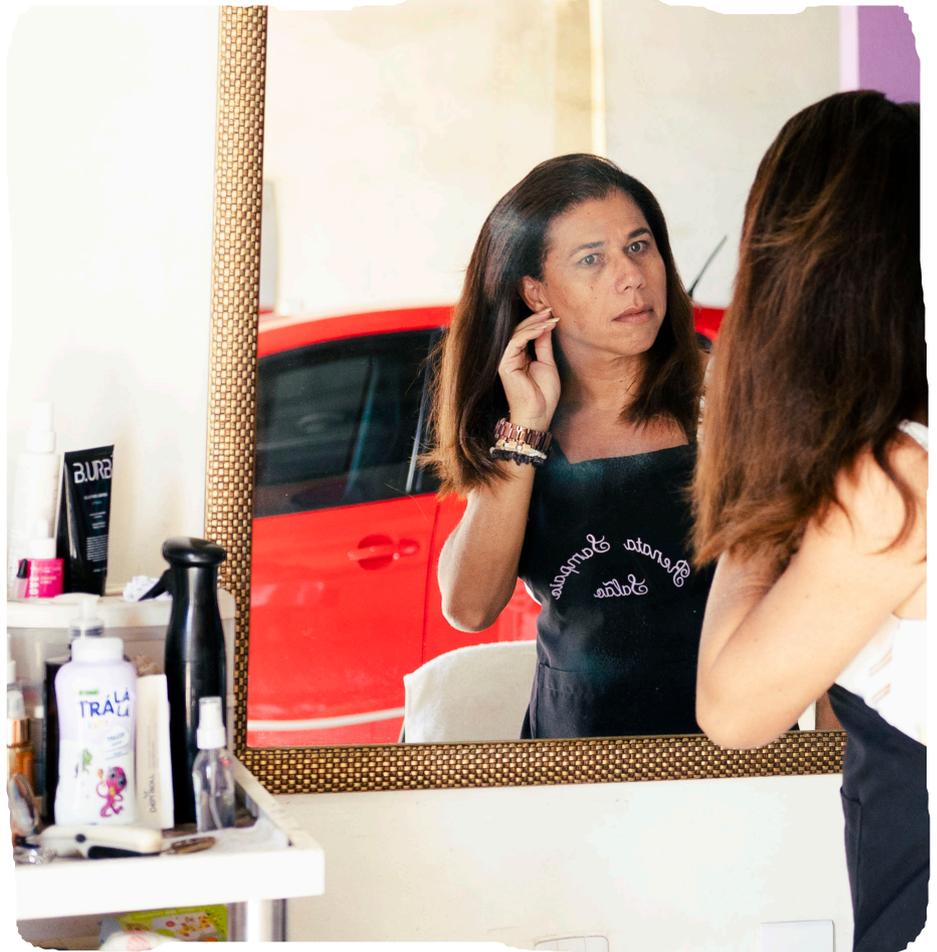


Por:
Débora Soares

Para falar sobre ser mulher no Moura Brasil, é preciso compreender a pluralidade e individualidade de todas e tantas nós que nesse território habitam.

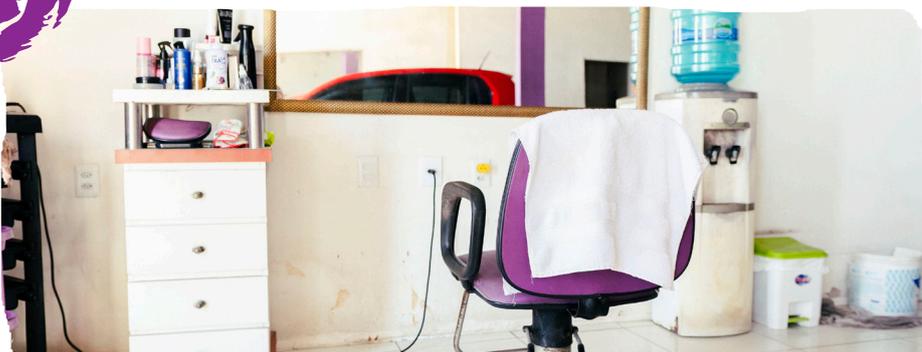
O Moura Brasil tem seus filhos amparados pelas mãos de grandes mulheres, grandes parteiras, como Dona Anita, que presenciou o nascimento de muitas vidas e o renascimento de tantas mulheres. É ali onde a vida e os sonhos começam a pulsar, a partir de mulheres que são madrinhas de tantas crianças da comunidade, como Dona Lúcia Maria Viana, guardiã das memórias e presente na infância de tantos moradores. Hoje é, ainda, madrinha da Estação das Artes.

Nossa comunidade carrega a garra e resistência de tantas mulheres que trabalharam para o desenvolvimento comunitário, como Dona Maria Cirino, grande liderança comunitária que revolucionou questões de saúde pública e educação do território; Dona Marilac e Dona Lúcia, ambas já falecidas, mas que carregaram em suas trajetórias o brilho da fé e da manutenção de tradições religiosas dentro da comunidade e que perduram até hoje entre as gerações.



Mulheres que carregam, na alma e no corpo, a resiliência, a maternidade, o empreendedorismo,

Mulheres que carregam, na alma e no corpo, a resiliência, a maternidade, o empreendedorismo, a coragem de lutar e esperar no Moura Brasil. Em cada canto e viela deste bairro, contrariando estatísticas, estão as Mulheres do Moura lutando por um espaço de fala e resistência. Do trilho a Santo Inácio, de Renata Sampaio a Beatriz, existem sonhos e histórias que merecem ser contadas e ouvidas. Que esta edição e as Mulheridades aqui presentes possam fazer com que você, mulher que (re)existe no Moura, se sinta acolhida, abraçada e representada. ■



a coragem de lutar e esperar no Moura Brasil.

CORRIDA SILENCIOSA



Por:
Delane Oliveira

Acordar cedo, enfrentar fila de SUS, mediar as crises, limpar a casa, trabalhar, cuidar, dar carinho e atenção. Tudo em uma só pessoa. Para mulheres que cuidam sozinhas de seus filhos, a vida é uma corrida sem linha de chegada.

É sobre elas que esta matéria fala: mulheres que vivem entre o silêncio da invisibilidade.

CINEIDE

Lucineide (foto abaixo), de 54 anos, sabe porque sente na pele: ser mãe solo é um grande desafio. Para ela, a missão ficou ainda maior, quando descobriu que o filho mais novo, de 13 anos, tem hiperatividade.

Ela conta que, desde que Samuel tinha três anos, já notava algo diferente no comportamento do menino. “O Samuel era muito ativo, muito mesmo.”

O tempo foi passando, e Samuel continuava muito agitado, então ela passou a dar a ele um suplemento vitamínico conhecido por dar sono nas crianças. Mesmo assim, o menino não parava quieto. Foi aos sete anos que o neurologista confirmou que a criança era hiperativa.



“ “ “ ” ” ”

Eu dou conta sim.

Lucineide também é mãe de Gabriel, de 24 anos, um jovem trabalhador que ajuda a família no que pode. Ainda assim, é ela quem fica em casa dedicando seus dias ao cuidado de Samuel. Mesmo lidando com ansiedade controlada por medicação, ela transmite muita força e fé em cada palavra dita.

“Eu dou conta sim”, afirma Lucineide. “Nossos filhos são herança de Deus. Temos que enfrentar a realidade, e confiar em Deus primeiramente”.

DEISA

Aos 28 anos, Deisa (foto ao lado) cria sozinha três filhos. Um deles é Cairon, de sete anos, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sem rede de apoio, ela se tornou a base e o alicerce da família.

O diagnóstico do filho veio após vários sinais que a mãe já vinha notando junto com as professoras da escola. “No fundo eu já desconfiava que ele era diferente dos irmãos”, diz. O médico também desconfiava, então ele passou alguns encaminhamentos de consultas com neurologista. O tempo de espera para conseguir o atendimento pelo SUS, a levou a dar um jeito de pagar uma consulta particular. Foi assim que veio a confirmação. Ela lembra que, naquele momento, ficou sem chão. “Foi um baque, mas também foi um alívio saber o que era. A gente tem medo do desconhecido, mas o autismo não é uma doença, não é um bicho de sete cabeças. É uma forma diferente de ver o mundo”.

Nem tudo são flores. Deisa diz que seu filho ainda sofre muito preconceito. “Muita gente olha com julgamento, acha que meu filho é mimado, que não tenho moral, mas não é birra, são crises. Eu sei quando é uma coisa ou outra”.



“ “ “ ” ” ”

E eu não preciso de apoio, eu sou o apoio, e isso pra mim basta.



Deisa é uma mãe que precisou aprender a não se abalar. “Já foi uma coisa que me machucou muito. Hoje eu relevo, só quem sabe é quem vive, e eu vivo isso todos os dias, com muito amor e dedicação”.

“É gratificante cuidar deles, é prazeroso, eu sei que Deus me capacitou para ser mãe deles. E eu não preciso de apoio, eu sou o apoio, e isso pra mim basta.”

Histórias como as de Deisa e Lucineide representam mais de 11 milhões de mães solo no Brasil. Grande parte delas lutam diariamente por dignidade, respeito e amor para seus filhos. Mulheres que, mesmo sem apoio, transformam a dor em força e o medo em coragem. ■

O QUE MINHA MÃE ME DISSE, EU DIGO À MINHA FILHA



Por:
Thyago Nunes

GG 99

Aprendi com a minha mãe e carrego até hoje com muito orgulho.



A história de Francilene Cirino de Souza Trajano — ou Aninha, filha da Dona Maria Cirino, como é mais conhecida — se entrelaça com a história de uma comunidade que se transformou pela força das mulheres que nela vivem, cuidam e lutam.

Francilene, 56 anos, é agente comunitária de saúde no posto que carrega o nome de sua mãe, Maria Cirino de Souza, mulher que dedicou sua vida à escola, à fé, à saúde pública e ao cuidado com o outro. Nascida e criada no bairro, ela guarda a memória viva de uma época em que o Moura Brasil ainda nascia.

Foi ao mudar de vez para o bairro que Maria Cirino começou a participar mais intensamente das lutas. Trabalhou como professora e secretária na Escola Moura Brasil. Frequentando a Capela de Santa Terezinha, conheceu a Pastoral da Criança, onde aprendeu sobre nutrição infantil, vacinas e saúde preventiva. E todos os saberes que lá aprendia, levava para as mães da comunidade: ensinava a fazer a multimistura que combatia a desnutrição infantil e falava sobre a importância das vacinas. Atuava voluntariamente em campanhas, organizava eventos com as idosas e, durante a epidemia de cólera, foi de casa em casa orientando as famílias e contribuindo para o controle da doença.

Aos 20 anos, motivada pela mãe, Francilene se inscreveu no programa de Agentes Comunitários de Saúde, dando continuidade ao trabalho que Dona Maria fazia de forma voluntária há anos. “Ela levava a gente junto com ela. Aí fui pegando gosto. Um dia ela disse: ‘Vai, te inscreve, vai trabalhar na comunidade’.”

Com o tempo, Francilene passou a intensificar os projetos de saúde no bairro, orientando sobre vacinação infantil, importância do cartão de vacina, aleitamento materno e uso do soro caseiro. Tudo isso com a experiência que herdou de casa. “Aprendi com a minha mãe e carrego até hoje com muito orgulho”, conta, emocionada.

Dona Maria Cirino faleceu em 2012, aos 80 anos. Conseguiu ver o início da construção da creche comunitária — um dos seus grandes sonhos — mas não chegou a presenciar a criação do posto

de saúde, que viria em 2017. A escolha do nome da unidade partiu de uma votação feita entre os próprios moradores do Moura Brasil. Outros nomes estavam entre os indicados, mas foi o de Maria Cirino que recebeu o maior número de votos, um reconhecimento a tudo que ela representa. “Foi um orgulho e uma tristeza. Tristeza porque ela não estava mais aqui. Mas muito orgulho de ver o nome dela estampado ali, porque o posto era um sonho dela.”

Francilene recorda com carinho os esforços da mãe em conciliar o trabalho com a criação dos filhos, mesmo com as constantes ausências do pai por conta das viagens à trabalho. “Ela conhecia cada um de nós, cada vontade, cada desejo. Mesmo ausente, procurava estar junto. Tentava fazer o melhor possível”, conta a filha.

A doçura e a generosidade da mãe são lembranças que a emocionam. “Eu dizia: mãe, acho que não vou ter esse seu dom não”, conta, com lágrimas nos olhos. Mas não só teve — como fez florescer em sua própria trajetória. Além dela, sua irmã Franciane também é agente de saúde. As sementes que Dona Maria Cirino plantou com seu trabalho floresceram nas filhas e viraram raízes por meio de ações concretas

e políticas públicas que melhoraram a vida na comunidade.

Caroline, filha de Francilene, é hoje quem escuta e aprende com esse legado familiar que atravessa o tempo. Quando perguntada sobre o que deseja passar para a filha, ela responde: “O que eu sempre digo pra minha filha era o que a minha mãe sempre dizia pra mim: seja forte, independente, corra atrás dos seus objetivos e não deixe passar nada, nenhuma oportunidade.”

Esse conselho, que atravessa gerações, é mais que um ensinamento: é um modo de existir. No Moura Brasil, ele se materializa em creches, postos de saúde, educação e dignidade. “Esse foi um dos legados que minha mãe deixou: essa força da gente pegar a vida

com garra e não soltar. Tenho muito orgulho. Ela fez sua história aqui na comunidade que tanto amava.”

O orgulho se estende ao ver a juventude do bairro conquistando espaços antes inimagináveis. “Hoje tem muitos jovens da comunidade fazendo faculdade. Antigamente, terminar o ensino médio já era muito. Agora tem curso, projeto, gente se movendo pra melhorar de vida. Isso me orgulha demais.”

Francilene reconhece que ainda há muito a fazer, mas se sente realizada. “Mesmo com todas as dificuldades, quando penso no que ela fazia por amor, tento realizar ao menos um pouquinho. E é aí onde eu me realizo.”



CC 99

Ela fez sua história aqui na comunidade que tanto amava.

DE MULHER PARA MULHERES



Por:
Aparecida Costa
e Regilane Patrício



O empreendedorismo feminino tem se revelado uma força transformadora nas comunidades, proporcionando não apenas renda, mas também dignidade e empoderamento a muitas mulheres. Desde adolescentes até mães solo e avós que cuidam de seus netos, estas mulheres estão se destacando em um sistema que historicamente as desfavorece.

Ao longo dos anos, as mulheres têm se inspirado umas nas outras, superando barreiras impostas pelo machismo e lutando por seus direitos e sonhos. Hoje, mais do que nunca, as mulheres estão reconstruindo suas trajetórias, garantindo sua independência finan-

ceira e rompendo com relacionamentos abusivos.

Embora ainda haja um longo caminho a percorrer para alcançar a plena igualdade, conquistas importantes têm sido feitas, como o direito ao voto, à denúncia de abusos e à carteira assinada. Somos uma força de luta, uma pluralidade de profissionais que enfrentam adversidades com coragem e determinação, exigindo respeito e harmonia. Estamos moldando nosso próprio futuro e inspirando as próximas gerações a continuarem essa jornada de empoderamento e transformação. ■

“ ”

Estamos moldando nosso próprio futuro e inspirando as próximas gerações

CLASSIFICADOS

CÉLIA

Moradora do Moura Brasil, encontrou na venda de lanches uma forma de ganhar a vida. Começou seu negócio com apenas duas mesas e hoje é parada obrigatória para quem passa. São bolos, tortas, salgados, sucos e pastéis variados. Quem passa fica com vontade de matar a fome.

• ENDEREÇO: Praça do Muriçoca

• HORÁRIO: a partir das 18h



**Ficou curioso?
É só chegar
e aproveitar!**

CRISTIANE DO BOLO

Cristiane é boleira de mão cheia e, junto com sua filha Tamires, leva sabor e carinho a cada receita. A dupla atende com prontidão e é conhecida dentro e fora do Moura Brasil pela qualidade dos bolos e doces, do simples ao gourmet.

• ENDEREÇO: Rua Santo Inácio, 586

• TEL: (85) 98836-3030

• INSTAGRAM: @cris_cakes26



Quer fazer uma encomenda especial?

Fala com elas!

Pensando em dar um trato no visual?

Lembre da Renata!



RENATA CABELEIREIRA

Moradora do bairro há mais de 20 anos, Renata é muito mais que cabeleireira: é uma referência na luta pelos direitos LGBTQIAPN+ e no enfrentamento às ISTs. Seu atendimento é marcado pelo acolhimento e respeito, criando vínculos de confiança com quem procura seus serviços.

• ENDEREÇO: RUA DO TRILHO, 1233-A

• HORÁRIO: 14H ÀS 20H (TERÇA A SEXTA) E 9H ÀS 20H (SÁBADO)

ESTÉTICA MILLENE SOUZA

Com nove anos de experiência e seu próprio espaço na comunidade, Millene Souza é designer e micropigmentadora de sobrancelhas. Seu trabalho é voltado para realçar a beleza natural de cada pessoa, com cuidado, técnica e atenção aos detalhes. Atendimento por agendamento.

• ENDEREÇO: PADRE MORORÓ, 199

• TEL: (85) 998083610

• INSTAGRAM:

@ESTETICAMILLENESOUZA



Quer se sentir ainda mais bonita?

Passa lá na Millene!

O RITMO DA BATERIA QUE SE CONFUNDE COM O DA MULHER



Por:
Regilane Patrício



Ana Lúcia de Sousa Barros, mais conhecida como Lucinha ou Tia Lucinha, tem 68 anos, nasceu e cresceu no Moura Brasil.

Diz que só sairá daqui quando Deus quiser. Vinda de uma família originária do bairro, ela se casou e criou seus filhos aqui, com muita força e exemplo. Mulher, mãe, avó, profissional, diretora de bloco carnavalesco... Lucinha é um multiverso dentro de uma só pessoa.

Ela tem uma ligação muito forte com o carnaval. Atualmente, faz parte da diretoria do bloco A Turma do Mamão, ao lado do esposo, Raimundo Barros. Fala com muito carinho sobre o início dessa história, que começou com sua família e do seu irmão, Valderi, um dos fundadores do bloco. “Sempre que tinha algum movimento sobre o Mamão, eu estava lá dentro, nas pinturas das camisas, enquanto era bloco de rua”, conta. Participava acompanhando e se engajou.

GG GG

O bairro é um só!

Lucinha era apenas mais uma brincante e nunca imaginou que um dia estaria à frente do bloco. Mas, com o tempo e a convivência — já que muitas atividades do grupo aconteciam na casa de sua mãe — foi se envolvendo e nunca mais parou. Todo esse amor e dedicação foram repassados para os filhos e netos.

Com formação em Técnica de Enfermagem, trabalhou mais de dez anos na profissão. Antes de se aposentar, atuou por cinco anos no posto de saúde Maria Cirino Souza, localizado no Moura Brasil, e fala com grande satisfação sobre esse período em que prestou serviços de saúde à comunidade e das pessoas que conheceu. “Já ouvi muitas histórias”, comenta com emoção.



Foi nesse período que Lucinha passou a enxergar mais de perto a realidade do bairro. Embora sempre tenha vivido no Moura Brasil, ainda não tinha plena consciência das fragilidades e da carência de serviços básicos de saúde. Ao conviver com tantas histórias, passou a refletir sobre as dificuldades enfrentadas, principalmente pelas mulheres da comunidade:

“O sofrimento das mulheres, mães solo, mães com muitos filhos, a dificuldade de ter o básico.” Foi a partir

dessa experiência que surgiu a vontade de unir o bairro por meio do bloco.

Ela sonha com um Moura Brasil unido, com serviços e vivências para todos: “É triste, é uma das coisas que mais impedem o crescimento do Moura Brasil.” Para ela, o bairro é um só. O posto é para todos, o bloco é para todos, e as dificuldades ultrapassam muros e ruas. Lucinha tenta quebrar essa divisão por meio do bloco: “Eu luto para engajar mais pessoas.”

““ ”

**ainda há
muito o
que fazer
pelo Moura
Brasil.**



Ela acredita que o fortalecimento dos projetos existentes no bairro podem fortalecer todo o Moura Brasil, de cima a baixo — e quem ganha com isso são os próprios moradores. Lucinha estuda e se capacita para poder retribuir e ajudar o bairro de alguma forma.

No ritmo da bateria, no toque do samba e no gingado da rainha, ela divide seu amor entre a família e A Turma do Mamão. Entre a criação dos filhos e as linhas que costuram suas fantasias, ensinou a eles o amor pelo bloco. E ela sabe: ainda há muito o que fazer pelo Moura Brasil. ■

CORRE CULTURAL



Por:
Débora Soares
e Thyago Nunes

ESTER SOUZA

Desde criança, Ester Souza sonhava com a moda. Marcada pelo fascínio que as revistas lhe causavam, aos 16 anos iniciou sua trajetória com cursos gratuitos de modelagem. “As pessoas sempre perguntavam se eu era modelo. Diziam que eu tinha muito perfil. Eu ficava entusiasmada, era uma afirmação do que eu realmente queria”.

Por precisar trabalhar, chegou a interromper a carreira. Mas desde os 18 anos vem lutando para conciliar os trabalhos de carteira assinada, os estudos e a vida como modelo. “Quando a gente gosta, faz tudo para dar certo. E Deus me dá avisos para não desistir”. Mesmo com os desafios do mercado, Ester celebra a valorização da mulher preta no Ceará.

A moda se tornou também uma forma de expressão, especialmente pelo

cabelo. “Eu não aceitava o meu cabelo, usava muito coque. Com a moda, aprendi a gostar e andar de cabelo solto”. Seu sonho é conquistar estabilidade financeira, trabalhando exclusivamente com moda, e ser referência para outras mulheres pretas que batalham para se expressar livremente, assim como tantas mulheres pretas foram para ela. “Se agarrem em Deus e em vocês mesmas, porque só vocês sabem onde querem chegar”.



GG GG

Quando a gente gosta, faz tudo para dar certo.

BEATRIZ HESTER DA SILVA SANTOS



Beatriz tem apenas 12 anos, mas já soma conquistas e sonhos. Participa do projeto de jiu-jitsu realizado na comunidade pela professora Suzana Olegário e é ritmista do bloco A Turma do Mamão.

A jovem fala com orgulho da importância do esporte e da cultura em sua vida, com seis medalhas em competições e muito carinho pela “família do jiu-jitsu”. Sua relação com o bloco também é especial: aprendeu percussão na escolinha com o Mestre Léo e hoje se emociona tocando no grupo.

Beatriz é símbolo de força e esperança no Moura Brasil. Em cada batida dos instrumentos ou nas lutas do jiu-jitsu, ela mostra a potência de projetos que fazem a diferença na comunidade. ■

GG GG

Projetos que fazem a diferença na comunidade.

GOVERNO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
GOVERNADOR DO CEARÁ

Jade Afonso Romero
VICE-GOVERNADORA DO CEARÁ

Luisa Cella de Arruda Coêlho
SECRETÁRIA DA CULTURA

Rafael Cordeiro Felismino
SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA

Geciôla Fonseca Torres
SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO
E GESTÃO INTERNA DA CULTURA

Caio Anderson Feitosa Carlos
COORDENADORIA DA REDE PÚBLICA DE EQUIPAMENTOS
CULTURAIS DO CEARÁ (COPEC)

Jéssica Ohara Pacheco Chuab
COORDENADORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Leandro Maciel
COORDENADORIA DE POLÍTICAS PARA AS ARTES

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
DIRETOR-PRESIDENTE

Iana Soares
DIRETORA EXECUTIVA

Ana Javes Luz
DIRETORA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Charlene Régis
SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Daina Leyton
ASSESSORA DE EDUCAÇÃO, ACESSIBILIDADE E MEMÓRIA

Dione Silva
ASSESSORA DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS
E ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA

Fabiano Veríssimo
ASSESSOR DE AÇÃO CULTURAL

Fernanda Cavalli
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Abílio Oliveira
GERENTE DE PLANEJAMENTO

Amanda Lima
GERENTE DE PROJETOS ESPECIAIS E GOVERNANÇA

Evelma Taveira
GERENTE DE DEPARTAMENTO PESSOAL

Isabel Ferreira Lima
GERENTE DE EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM

Natasha de Paula
GERENTE DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Vinício Brígido
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

BRA Advocacia Artística e Cultural
ASSESSORIA JURÍDICA

KUYA - CENTRO DE DESIGN DO CEARÁ

Rodrigo Costa Lima
DIRETOR

Mônica Rodrigues
ASSESSORA EXECUTIVA

Erbene Monteiro
COORDENADORA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Patrícia Quintela
SUPERVISORA ADMINISTRATIVO

Rhayara Brenna
ANALISTA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Beatriz Jucá
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Isabela Gomes
TÉCNICA ESPECIALISTA DE MÍDIAS SOCIAIS

Cláudia Sales
COORDENADORA DE FORMAÇÃO

Delano Pessoa
COORDENADOR DE PESQUISA

Renata Pinheiro
COORDENADORA DE DESIGN E ESTRATÉGIA

Beto Bessa
DESIGNER

Tea Marcelo
COORDENADORE DE PRODUÇÃO

Gustavo Barros
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Flávio de Lima Oliveira
SUPERVISOR DE TI (ÁUDIO E VÍDEO)

Vitor Hugo
TÉCNICO DE EQUIPAMENTOS

Dina Batista
Eriverton Ribeiro
Mirtes Luz
RECEPTIVO

REDE OITÃO | JORNAL COMUNITÁRIO

Aparecida Costa
Débora Soares
Delane Oliveira
Regilane Patrício
Thyago Nunes
PESQUISADORES

Ale Pereira
COORDENADORA DE PRODUÇÃO

AGRADECIMENTOS

Neyla Priscila de Araújo Castro
COORDENADORA DO NÚCLEO DE
ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA - NACA

Nubia Alves de Sousa
EDUCADORA SOCIAL - NACA

Vandim Rodrigues
ARTICULADOR COMUNITÁRIO - NACA

Butiquim da Zélia

CITADOS NA EDIÇÃO

Lucia Maria Viana
Marilac
Ana Caroline Trajano
Franciane Cirino
Fatima Tamiris Possidonio Cavalcante
Raimundo Barros
Valderi Sousa
Leo (mestre de bateria)

ENTREVISTADOS

Ana Lúcia Sousa Barros
Beatriz Hester
Antonia Célia Sousa Santos
Cristiane Possidonio Oliveira cavalcante
Deisa Oliveira
Ester Souza
Francilene Cirino
Lucineide Sales
Millene Souza
Renata Bispo Sampaio



MULHERES QUE CARREGAM, EM SUAS ALMAS A GARRA, A RESISTÊNCIA E A RESILIÊNCIA DE TANTAS OUTRAS MULHERES

EXPEDIENTE

Ale Pereira
Coordenação de Produção

Beatriz Jucá
Coordenação de Comunicação

Isabela Gomes
Comunicação

Renata Pinheiro
Coordenação de
Design e Estratégia

Beto Bessa
Design e Diagramação

Daniel Firmino
Projeto gráfico

Sandy Albuquerque
Fotografias

Aparecida Costa
Débora Soares
Delane Oliveira
Regilane Patrício
Thyago Nunes
Pesquisadores

Neyla Castro
Núbia Alves
Vandim Rodrigues
Pesquisadores do Núcleo de
Articulação Comunitária | NACA

REALIZAÇÃO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

KUYA
Centro de Design do Ceará

instituto 
mirante
ASSESSORIA DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS
E ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA
NUPA | NACA | NUPAT

